

Lazer e Gastronomia
em 3X Sem Juros

BERTIOGA/SP
VILA VELHA/ES

Balneário Camboriú
Promoção Exclusiva

REDE MultiHotéis
GRUPO GERALDO MANTOVANI. (011) 258-0633

• Daniel Fresnot: você está preparando um novo livro?

Três livros na realidade. Agora vou voltar a trabalhar neles. Já achei as primeiras páginas escritas porque eu tinha deixado isso na biblioteca quase de forma absurda, mas agora já reorganizei e vou voltar a escrever.

• Beatriz Cannabrava: são livros técnicos?

Bem, eu nunca escrevi um livro técnico, depende de como a gente entende. Todo meu trabalho tem sido político pedagógico com alguns aspectos técnicos. Estou escrevendo um que se chamará "Cartas a Cristina" e que é um velho projeto que eu nunca conclui. É um livro assim, um pouco plural, uma espécie de arco irís temático em função das próprias cartas. É um pouco de história da minha própria vida, tem um pouco da experiência de exílio e termina com a Secretaria de Educação. Talvez seja esse o mais volumoso deles.

Há um outro livro do qual já escrevi umas 60 páginas. É um ensaio que vai te interessar muito (ao Paulo) é um ensaio sobre Amílcar Cabral, o grande libertador, e eu aproveito para discutir algumas coisas históricas como, a questão da revolução hoje, o que será isso. E um terceiro que não é um livro mas terá prioridade, é uma nova introdução à Pedagogia do Oprimido que está no vigésimo primeiro ou segundo ano, ganhou a maioria. Quero dizer que os editores estão muito excitados com esta nova edição.

• Daniel Fresnot: tem uma outra pergunta, como foi a sua experiência como Secretário de Educação da Prefeitura de São Paulo?

Olha, eu te diria que a minha experiência como Secretário de

Educação foi um momento de vida que eu considero indispensável. Quer dizer, se eu não tivesse sido Secretário de Educação eu tenho a impressão que como educador, como pensador da educação, como político, me teria faltado alguma coisa. Neste sentido, eu agradeço enormemente o convite que a Erundina, essa mulher extraordinária, me fez. E não me arrependo de ter dito sim quando ela me convidou, porque me foi possível ver de perto, tocar, mexer na prática educativa enquanto processo. E por outro lado me foi possível também, como Secretário, ver uma coisa que nós brasileiros sabemos mas que é sempre doloroso ver. É exatamente o descaso pela coisa pública. Isso foi horrível. Quando eu lembro que no segundo dia depois de assumir a Secretaria eu fui visitar escolas do município que estavam ruins, eu pensei que eram apenas escolas com um problema ou outro, mas o que eu descobri foram 390 escolas deterioradas, sucateadas, numa rede que tinha 655. Quer dizer que 60% estavam deterioradas e algumas foram interditas pelos riscos que ofereciam à vida dos meninos e dos professores. E as diretoras com quem eu conversava me falavam: mas faz anos que eu peço isso, cada uma me dizia que pedia para consertar a escola. Havia escolas que estavam arrombadas, outras não se pode nem falar em goteiras, havia escolas que eram um buraco caindo água, outras com problemas elétricos, etc.

• Paulo Cannabrava: e com os professores também estragados...

Mas evidente. Os professores inclusive não acreditavam, não tinham sequer coragem de protestar, reclamar. Quer dizer, um ou outro professor fez protestos

Encontro com Paulo Freire

Beatriz Cannabrava, Paulo Cannabrava e Daniel Fresnot entrevistam o pedagogo mundialmente famoso

mas o Prefeito anterior proibiu que até passassem por perto da Secretaria. Nos somos brasileiros e sabemos os gostos incontroláveis de Jânio Quadros com relação ao autoritarismo, ao caciquismo, etc. Mas bem... ao mesmo tempo em que a gente cuidava de como atender, eu me lembro das idas e vindas ao gabinete da Prefeita em busca de recursos. A maioria das escolas estavam precisando não de um pequeno reparo, tirar uma goteira a qui, outra ali, mas de uma reforma fundamental, uma reforma básica, as vezes até mudar uma cobertura inteira. E nós fizemos. No último relatório que recebi, dois dias antes de deixar a Secretaria, comunicava-se que das 390 apenas 6 estão por ser refeitas.

• Paulo Cannabrava: você conseguiu remover algumas das distorções da administração pública?

Claro, nós conseguimos com Erundina. Um exemplo: em dois anos e meio de administração da Erundina não houve uma greve na rede escolar municipal. É porque se pôs a polícia? Não, ao contrário, nunca houve mais liberdade para criticar e para fazer do que hoje no Governo da Erundina. Trinta mil professores, seiscentas e cinquenta e tantas diretoras, nós temos um quadro enorme de servidores na rede municipal e não tivemos uma greve em dois anos e meio. Houve um momento em que havia 150.000 professores do Estado em greve e nos só tivemos um dia de advertência. Por que? Porque apesar de ainda pagarmos mal fizemos saltos extraordinários nos níveis salariais. Agora você imagina como era isso. Eu me lembro que quando a gente assumiu, o salário da professora, em dezembro de 88, era de 73 cruzados.

com Freire

brava Filho
am
moso

Essa coisa de você melhorar os padrões de qualidade da escola passa por este respeito pela questão ética e pela questão política e de justiça com respeito à educadora mas passa também pela formação permanente, pela formação científica da educadora. Isto tudo é um tecido só, isto tudo está entranhando, como cobrar de uma professora que ela se atualize se o seu salário não dá sequer para comprar o jornal? Quanto mais para ler livros. A formação permanente da educadora é um dever da Administração.

Nós fizemos grupos de formação de professores de alfabetização e um dos óbices que a gente tem na escolaridade brasileira está exatamente entre o primeiro e o segundo ano em que milhões de meninos brasileiros são reprovados porque não aprenderam a se alfabetizar. E as estatísticas sobre esses meninos dão os números mas não dizem onde foram buscar os números. Estes meninos não tem nada que ver com seus filhos ou netos ou os meus netos. Os nossos meninos da nossa classe social se alfabetizam. Mas os meninos populares são reprovados e em seguida são expulsos da escola. Os especialistas ainda falam em evasão escolar. Não há evasão coisa nenhuma, há expulsão, a escola expulsa o menino do povo.

Eu, como Secretário, mas muito mais como educador, fiz vários seminários sobre os problemas fundamentais da administração e da política educacional. Tudo junto, este esforço de mudar, de refazer a escola é que nos deu no primeiro ano de administração, quando foram apurados os dados, tivemos o melhor lugar na década.



Professor Paulo Freire

da. O segundo ano aprofundou a melhora. Isto em nível de resultados pedagógicos na rede escolar.

• Paulo Cannabrava: quer dizer que a criança que entrou no primeiro ano passou de ano?

Exatamente. E não foi por magnanimidade, nós não aceitamos isto de aprovar sistematicamente. Isto resultou primeiro de uma melhor compreensão científica do que é alfabetizar. E segundo isto resultou de uma melhor compreensão política do processo do ensino. Agora para isso nós fizemos uma coisa que nunca tinha sido feita, eu obtive assim que assumi a Secretaria a colaboração de 80 cientistas da Universidade de Campinas, da USP e da PUC, de graça. Entre físicos, matemáticos, historiadores, filósofos, educadores, sexólogos e metodologistas. Me reuni com eles em grupos de especialidade até que um dia tivemos um primeiro encontro com todos. Deste primeiro encontro surgiu uma equipe central que até hoje existe e aí então eu visitei os reitores e firmei convênio com as três universidades para nos ajudar na formação permanente dos educadores da Secretaria.

• Paulo Cannabrava: por que deixou a Secretaria?

Exatamente porque eu estava com uma saúde enorme de meus livros, de minhas escritas. Eu gostaria de deixar muito claro ao leitor que eu me acho muito jovem do ponto de vista de meus sonhos. Tenho vários projetos de

livros, vou voltar a escrever. E tem o Jornal O Bairro das Perdizes onde quero colaborar.

• Daniel Fresnot: a este respeito uma última pergunta. Qual é a sua relação com o nosso bairro das Perdizes onde você mora há muitos anos?

Eu moro aqui desde que cheguei do exílio e te digo o seguinte: eu quero eu enorme bem a isto aqui. Acho que depois do Recife só isso aqui mesmo.

Eu gosto de olhar a cidade daqui com a sua aparência de pacata porque não é pacata. Quando vem um estrangeiro eu mostro a vista deste terraço. Eu adoro este lugar e minha mulher também, e hoje estou muito contente com o surgimento do seu jornal nas Perdizes que se alonga até aqui em cima no Sumaré. E um dos sonhos meus que nunca realizei foi escrever em jornal. Possivelmente só escrevi uns três artigos num jornal de Pernambuco. Gostaria agora, de ser um colaborador mais ou menos assíduo. A minha mulher, que é uma boa historiadora da educação, está interessada em escrever também. Eu acho que pode interessar, embora neste bairro já haja um bando de intelectuais, professores, escritores. Então se o jornal topar eu vou ser jornalista ou pelo menos articulista. (risos)

• Paulo Cannabrava: você já é do Conselho de Redação é vai decidir se vou continuar escrevendo, se o Daniel vai escrever... (risos)

os para educadores e pais